



MEDIEVALISTA

N.º 40 | Julho – Dezembro 2026

ISSN 1646-740X

**O ogro que tinha o espírito humano como presa:
Marc Bloch e a psicologia coletiva***

*The ogre who had the human spirit as prey:
Marc Bloch and the collective psychology*

Hilário Franco Júnior

Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de História
05508-900; São Paulo; Brasil

hilario.franco-jr@wanadoo.fr

<https://orcid.org/0000-0003-1519-180X>

Data recepção do artigo / Received for publication: 13 de Maio de 2026

DOI:

* A primeira versão deste texto foi apresentada na Universidade de São Paulo, em 7 de maio de 2026, como conferência inaugural do Colóquio “Marc Bloch no Brasil: História e Ciências Sociais”.



*Einen Wissenden darf ich mich nicht nennen.
Ich war ein Suchender und bis es noch¹*

No passado 23 de junho, as cinzas de Marc Léopold Benjamin Bloch (1886-1944) entraram no Panthéon francês, justificadas pela célebre divisa do monumento: *Aux grands hommes, la patrie reconnaissante*. O tributo das autoridades e dos cidadãos foi ao soldado das duas grandes guerras, ao membro da Resistência e ao mártir da Ocupação nazista. Para os historiadores profissionais a cerimônia teve ainda um sentido suplementar, recordar que Marc Bloch foi um dos seus (o primeiro a ser ali acolhido), e dos grandes: para André Burguière, ele está entre os três maiores historiadores do século XX². Juízos desse tipo são sempre subjetivos, porém é inegável o *status* excepcional do homenageado, inovador na escolha de certos temas, renovador na abordagem de outros, utilizador de amplo rol de fontes primárias, leitor de vasta bibliografia, redator cuidadoso e elegante.

O que nos interessa aqui, no entanto, é um aspecto específico, o papel atribuído por Bloch à psicologia como instrumento do historiador. Se para este a erudição é indispensável, ele também precisa, argumenta em 1921, do “mais agudo espírito crítico que se possa conceber, vivificado por um senso histórico e psicológico maravilhosamente penetrante”. Ao se candidatar ao Collège de France, em 1934, ele se definiu como um historiador “colocado diante de fatos humanos e reconhecendo neles, por natureza, fatos psicológicos”. Em dois artigos de 1935, mostrou como as novidades tecnológicas também são “um problema de psicologia coletiva”. As três conferências pronunciadas em Cambridge em 1938 trazem no título “aspectos psicológicos do feudalismo”³.

¹ HESSE, Hermann – *Demian. Die Geschichte von Emil Sinclairs Jugend* [1919]. Berlim: Suhrkamp, 2012, p. 8.

² BURGUIÈRE, André – “Bloch, Marc. 1886-1944”. In BURGUIÈRE, André (org.) – *Dicionário das Ciências Históricas*. Trad. Henrique de Araujo Mesquita. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p. 104.

³ Na sequência, BLOCH, Marc – “Saint Martin de Tours. À propos d’une polémique”. *Revue d’histoire et de littérature religieuses* 7 (1921), p. 57; “Projet d’un enseignement d’histoire comparée des sociétés européennes” [1934]. In BECKER, Annette; BLOCH, Étienne (eds.) – *L’histoire, la guerre, la résistance*. Paris: Gallimard, 2006, p. 445; “Avènement et conquêtes du moulin à l’eau”. *Annales d’histoire économique et sociale* (doravante *AHES*) 7 (1935), pp. 538-563; “Les inventions médiévales”. *AHES* 7 (1935), pp. 640-643; *Some Economic and Psychological Aspects of Feudalism*. Ed.-

Em um colóquio de psicólogos, em 1941, afirmou que estes e os “historiadores têm, certamente, tudo a ganhar colaborando uns com os outros”. E reconheceu que “nós, historiadores, temos grande necessidade de vocês”, devido ao uso constante que fazemos da “psicologia, individual ou coletiva”. No seu póstumo *Apologia da História*, sintetizou a ideia com a célebre fórmula “os factos históricos são, por essência, factos psicológicos”. Visto que para ele os factos históricos são sociais, a psicologia que lhe interessa é a coletiva, aquela que se tornou “cada vez mais o componente principal de seu pensamento”, avalia Geremek⁴.

Não era fácil, no entanto, um historiador trabalhar nesse campo na sua época. Se ele não pôde avançar mais nessa direção, sugere Florian Mazel, é porque havia “incompreensão, até hostilidade, de uma parte do mundo acadêmico” em relação a tal perspectiva. Todavia, pode-se pensar que, ao menos em parte, a causa da incompreensão encontrava-se no uso que fez de “demasiadas noções diversas, oscilações e incertezas”, crítica geral de Lucien Febvre a propósito de *A Sociedade Feudal*⁵ e aplicável à abordagem psicológica no conjunto da obra de Marc Bloch. Dado que “nada é mais revelador que as vicissitudes da terminologia”⁶, são muito significativas as flutuações do seu vocabulário conceitual.

Em *Os Reis Taumaturgos* (1924), *A Sociedade Feudal* (1939-1940) e *Apologia da História* (1942), ele recorre a 27 diferentes termos para designar as formas coletivas e não conscientes de sentimentos, crenças e pensamento de uma sociedade ou comunidade. Dentre eles destacam-se três, embora às vezes evite empregar qualquer um deles, como no belo artigo, que se prestaria a isso, sobre a vida alémtúmulo do rei Salomão⁷. “Representações coletivas” é utilizado 6 vezes em *Os Reis Taumaturgos*, 3 em *A Sociedade Feudal*, nenhuma em *Apologia da História*. Essa

trad. Eduardo Henrik Aubert. In MAZEL, Florian; POTIN, Yann (dir.) – *Marc Bloch. L’histoire en résistance*. Paris: Seuil, 2026, pp. 469-537.

⁴ BLOCH, Marc – “As transformações técnicas como problema de psicologia coletiva” [1942]. Trad. Hilário Franco Júnior. *Signum* 1 (1999), p. 170; *Apologia da História ou o Ofício do Historiador* [1942, 1949, 1993]. Ed. Étienne Bloch, trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 157; GEREMEK, Bronislaw – “Marc Bloch, historien et résistant” [1986]. In *L’histoire, la guerre, la Résistance*, p. 1041.

⁵ MAZEL, Florian – “Le Moyen Âge ou le champ ouvert des expériences historiennes”. In *Marc Bloch. L’histoire en résistance*, pp. 142 e 153; FEBVRE, Lucien – “Resenha de *La société féodale*”. *Annales d’histoire sociale* 2 (1940), p. 42.

⁶ BLOCH, Marc – *La société féodale*. Paris: Albin Michel, 1973, p. 260.

⁷ BLOCH, Marc – “La vie d’outre-tombe du roi Salomon”. *Revue belge de philologie et d’histoire* 4 (1925), pp. 349-377.

tendência decrescente decorria da desafeição de Marc Bloch pelo pensamento de Émile Durkheim, de início importante para ele e que “hoje parece ultrapassado”⁸. “Mentalidade” é mais frequente, porém apresenta forte flutuação: 6 ocorrências em *Os Reis Taumaturgos*, 26 em *A Sociedade Feudal*, 9 em *Apologia da História*. “Psicologia coletiva” foi pouco utilizado por Marc Bloch nos livros: 2 vezes em *Os Reis Taumaturgos*, 1 em *A Sociedade Feudal*, 1 em *Apologia da História*.

Contudo, tal expressão surge inúmeras vezes nos cerca de 50 artigos e 1500 resenhas que escreveu. Sem explicitar, ele parece concordar com Charles Blondel († 1939) quando este diz que sem a psicologia coletiva a história não estará completa⁹. Ao resenhar em 1938 um livro de Julius Schultz, Marc Bloch afirma que ao termo “alma” (*Seele*) usado pelo estudioso alemão, corresponde “mentalidade”, palavra que se é “um pouco mais pesada”, possui tonalidade “menos metafísica aos ouvidos franceses”¹⁰. Como tal resenha foi intitulada “um ensaio de psicologia coletiva”, essa expressão e “mentalidade” são sinônimas para ele.

No entanto, pode-se supor que “psicologia coletiva” expressa melhor do que “mentalidade” a intenção várias vezes explicitada por Marc Bloch de articular o mental (veiculado pela palavra “psicologia”) e o social (“coletiva”). Insiste-se muito que a concepção que Febvre tinha de mentalidade era psicológica, enquanto a de Bloch seria sociológica, porém trata-se de simplificação excessiva. A rigor, Bloch reúne ambas. Já em 1906, escreve que “não compreendo a distinção que se pretendeu estabelecer entre os dois tipos de fenómenos”, o psíquico e o social. No grande livro de 1939-1940, insiste que o historiador pode partir indiferentemente da “análise da economia ou da mentalidade”, devido à interação dos dois campos. No seu último livro, lembra um fenómeno epidemiológico, demográfico, social, econômico – a Peste Negra – que só se propagou devido a “certas condições sociais, portanto, em sua natureza profunda, mentais”¹¹.

⁸ BLOCH, Marc – *Apologia*, p. 48. Na mesma época, em carta a Febvre (17/8/1942), ele comenta “como estamos longe deles [os durkheimianos]”: BLOCH, Marc; FEBVRE, Lucien – *Correspondance*. Ed. Bertrand Müller. Paris: Fayard, 2003, vol. 3, p. 210.

⁹ BLONDEL, Charles – *Introduction à la psychologie collective*. Paris: Armand Colin, 1928, p. 12.

¹⁰ BLOCH, Marc – “Un essai de psychologie collective”. *AHES* 10 (1938), p. 175.

¹¹ BLOCH, Marc – “Carnet de méthodologie historique” [1906]. In *L’histoire, la guerre, la résistance*, p. 90; *La société féodale*, p. 98; *Apologia*, p. 157.

É de notar a passagem do plural “representações coletivas” para o singular “mentalidade” e “psicologia coletiva”. O dado não é inócuo, denota o interesse de Bloch pela consciência de classe mais do que pela classe em si e, portanto pelo sentimento de os indivíduos que a compõem partilharem um mesmo modo de vida¹². Ou seja, partilharem um fundo psicológico comum, a “unidade fundamental do espírito humano”. No entanto, a postura de Bloch sobre o tema evoluiu. Ao identificar uma “multidão de crenças e de práticas” religiosas na época feudal¹³, ao adjectivar a mentalidade (“religiosa”, “comum”, “tradicionalista”, “jurídica” etc.), ele rompeu com a ideia de unidade, abrindo caminho para o posterior uso pela historiografia francesa do plural “mentalidades”.

A expressão que se tornaria famosa por ser o título do mais inovador capítulo de *A Sociedade Feudal* – “maneiras de sentir e de pensar” – aparece essa única vez. Na verdade, ela não foi cunhada por Bloch, ocorre bastante na obra de Durkheim e foi empregada muitas vezes por Blondel. Mas *façon* não é mais conveniente que “mentalidade” – a palavra procede do modo de fazer algo (← *factionem* ← *factio* ← *facere*), do jeito de trabalhar uma certa matéria, de dar forma a qualquer coisa (*façonner*), como indica o sinónimo *manière*, derivado de *manus* (o português “maneira” tem a mesma etimologia). Disso se passou ao sentido de “maneira de agir, de comportar-se”, que por seu carácter mais externo que interno não coincide com “mentalidade” ou com “psicologia coletiva”. A vagueza das variantes é ainda maior – “maneiras de pensar ou de sentir” (*Os Reis Taumaturgos*) e “maneiras de viver ou de pensar” (*Apologia*), nas quais a conjunção insinua alternância, exclusão ou incerteza no uso daqueles verbos.

Essa indeterminação do vocabulário psicológico de Marc Bloch foi, em parte, a da erudição da época. Suas principais influências – o historiador Numa Denis Fustel de Coulanges († 1889), o sociólogo Émile Durkheim († 1917), o filósofo Henri Berr († 1954) – aceitavam a importância da psicologia na história, porém tinham sobre isso posturas divergentes. Em parte, as hesitações terminológicas – e por trás delas, as conceituais – resultavam da prudência pessoal diante da complexidade do assunto,

¹² THEIS, Valérie – “Des classes sociales au Moyen Âge”. In *Marc Bloch. L'histoire en résistance*, p. 172; HULAK, Florence – *Sociétés et mentalités. La science historique de Marc Bloch*. Paris: Hermann, 2012, p. 204.

¹³ BLOCH, Marc – “Pour une histoire comparée des sociétés européennes”, p. 352; *La société féodale*, p. 129.

talvez consciente de que, como dirá Lucien Febvre, “toda definição é uma prisão”¹⁴. Mais do que uma louvável precaução científica, havia nisso, todavia, uma insuficiência, a lacuna filosófica que no fim da vida Bloch reconheceu ter, embora quarenta anos antes, com apenas 16 anos de idade, tenha se definido como “historiador de manhã e filósofo de tarde”. Na verdade, a questão ultrapassava qualquer historiador em particular, ela residia, sugere Jacques Le Goff, na falta de gosto dos historiadores franceses pela filosofia em geral e pela filosofia da história em particular¹⁵. Ademais, Marc Bloch era historiador empírico, extraía dados e ideias dos documentos, não de teorias pré-existentes. Ele nunca foi, na expressão de Lucien Febvre, um “*faiseur de système*”¹⁶.

Tal qual utilizada por Bloch, a psicologia coletiva resultou da observação de que em qualquer sociedade, durante um tempo variável, mais ou menos longo conforme cada caso, “reina uma similitude de hábitos e técnicas muito grande para permitir a qualquer indivíduo afastar-se sensivelmente da prática comum”¹⁷. Essa constatação não redundou, contudo, em uma definição canônica de psicologia coletiva. O mais próximo disso surge na resenha que fez de um livro de Blondel – psicologia coletiva não é tanto a de grupos, e sim do elemento coletivo presente na psicologia de cada indivíduo, é “a parte de nós que não vem de nós mesmos”¹⁸.

*

É célebre a definição que Marc Bloch dá do bom historiador como um ogro que “onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça”¹⁹. A metáfora é forte e pertinente, por harmonizar o monstro da fábula e a intenção de lançar um olhar abrangente sobre a história. O projeto de praticar uma história total tinha sido a de Jules Michelet († 1874), mas também a da sociologia, para a qual “corpo, alma, sociedade, tudo se mistura”, afirma Marcel Mauss. O homem de todas as sociedades, presentes ou passadas, é uma totalidade, daí por que é afetado pelas menores de suas

¹⁴ FEBVRE, Lucien – “Vers une autre histoire” [1949]. In FEBVRE, Lucien – *Combats pour l’histoire*. Paris: Armand Colin, 1953, p. 424.

¹⁵ BLOCH, Marc – *Apologia*, p. 50; “Carnet Philosophia”. In *L’histoire, la guerre, la résistance*, p. 86; LE GOFF, Jacques “Prefácio a *Apologia*”, p. 23.

¹⁶ FEBVRE, Lucien – “Marc Bloch et Strasbourg” [1947]. In *Combats pour l’histoire*, p. 392.

¹⁷ BLOCH, Marc – *Apologia*, p. 111.

¹⁸ BLOCH, Marc – “Resenha de Blondel, *Introduction à la psychologie collective*”. *Revue historique* 161, (1929), p. 398.

¹⁹ BLOCH, Marc – *Apologia*, p. 54.

percepções. Sendo o estudo do “homem completo” tarefa das mais urgentes, para tanto a contribuição da psicologia é imprescindível, dado que “o fato psicológico [...] é social”. Assim, ele prossegue, é melhor denominar a psicologia coletiva de sociologia, pois aquela não pode ser separada desta, e para compreendê-la são necessários os estudos históricos²⁰.

Para alcançar tal meta, o ogro Marc Bloch foi onívoro, caçando nas florestas documentais tanto crônicas e polípticos como hagiografias e poemas, diplomas e mapas, textos jurídicos e textos eclesiásticos, moedas e inscrições, peças arqueológicas e iconográficas, e o que mais caísse sob o olhar percuciente do caçador. No entanto, mais do que acumular um butim, ele quer relacionar as peças e compreender o todo. A história deve deixar de ser meramente descritiva para ser explicativa. Para tanto, revela-se indispensável a crítica documental, e assim o recurso a “uma disciplina quase nova, a psicologia do testemunho”, necessária porque toda prova decorre de “fatores psicológicos e sociais”²¹. Inclusive o testemunho do próprio historiador.

Ter participado na frente de luta em 1914-1918 levou-o a comprovar que “a guerra foi uma imensa experiência de psicologia social”, um privilegiado campo de observação da psicologia dos soldados individualmente e da psicologia coletiva dos grupos de militares²², o que, sem dúvida, despertou seu interesse por esse viés da história. Ter assistido à “estranha derrota” da França em 1940, levou-o a escrever um depoimento no calor da hora, indignado, mas sem perder o olhar analítico inerente a todo historiador. Graças a isso, detectou a incapacidade do comando militar francês, não atribuível apenas a certos indivíduos, porque “seus erros foram, fundamentalmente, os de um grupo humano”, foram os do seu “ambiente psicológico”, dado que a “fraqueza coletiva é, frequentemente, talvez apenas a soma de muitas fraquezas individuais”. Enquanto os franceses, devido a um fator “humano e psicológico cuja importância foi considerável”, não aproveitaram lições da própria

²⁰ MAUSS, Marcel – “Rapports réels et pratiques de la psychologie et de la sociologie” [1924]. In MAUSS, Marcel – *Sociologie et anthropologie*. Paris: PUF, 1999, pp. 301-306, 286, 288, 307, 289 e 309.

²¹ BLOCH, Marc – *Apologia*, p. 103, 109, 110 e 112; “Réflexions pour un lecteur curieux de méthode” [1939]. In *L’histoire, la guerre, la résistance*, p. 513.

²² BLOCH, Marc – “Réflexions d’un historien sur les fausses nouvelles de la guerre” [1921]. In *L’histoire, la guerre, la résistance*, pp. 293-316; “Souvenirs de guerre, 1914-1915”. In *L’histoire, la guerre, la résistance*, pp. 119-167.

guerra, os militares alemães contaram com o parecer de psicólogos e souberam, assim, explorar certas circunstâncias da luta. Por contraste, Bloch cita certo general francês “imbuído certamente das melhores intenções, mas cujo senso psicológico não estava à altura das suas outras qualidades”²³.

A experiência das duas guerras mundiais revelou-lhe o alcance das interações presente-passado (já apontadas por Henri Berr), permitiu-lhe a tomada de consciência de que “sem se debruçar sobre o presente, é impossível compreender o passado”. Observado no presente de 1914-1918, o fenómeno dos falsos rumores lançou luz sobre situações comparáveis do passado²⁴. A partir disso é que concebeu *Os Reis Taumaturgos*, estudo de um grande e longo rumor, o de que os reis franceses e ingleses curavam milagrosamente casos de escrófula (tuberculose linfática). Desse modo, mais do que uma forma de trabalho, “a solidariedade do presente e do passado é a verdadeira justificação da história”²⁵. Porém o observador precisa estar atento, não perder consciência de que a força do presente pode ofuscar o olhar. Por razões intelectuais e existenciais, tornou-se claro para Marc Bloch que é necessário partir do presente, que se conhece menos mal, apesar de suas deformações – “acredita-se facilmente naquilo que se tem necessidade de acreditar”²⁶ – para em passos retroativos ir se alcançando o passado a ser estudado. Na imagem a que recorre para explicar a ideia, é filme que se passa ao contrário, do fim para o começo. É o método dito regressivo²⁷.

Do jogo especular passado-presente decorre a importância do instrumental psicológico para melhor controlar o objeto (passado) e o sujeito (historiador). O trânsito nos dois sentidos é possível porque “nossos atos, nossas crenças, nossos costumes, as formas que revestem nossas sociedades, explicam-se com frequência

²³ BLOCH, Marc – *L'étrange défaite*. In *L'histoire, la guerre, la résistance*, pp. 545, 548, 564, 566, 591, 613, 617 e 621.

²⁴ BERR, Henri – *La synthèse en histoire. Essai critique et théorique*. Paris: Félix Alcan, 1911, p. 243; BLOCH, Marc – *L'étrange défaite*, p. 523; “Réflexions d'un historien sur les fausses nouvelles de la guerre”, p. 298.

²⁵ BLOCH, Marc – “Pour mieux comprendre l'Europe d'aujourd'hui”. *AHES* 10 (1938), p. 6.

²⁶ BLOCH, Marc – “Réflexions d'un historien sur les fausses nouvelles de la guerre”, p. 309.

²⁷ BLOCH, Marc – *Les caractères originaux de l'histoire rurale française* [1931]. Paris: Armand Colin, 1976, p. XIV; *Apologia*, p. 67. Sem nomeá-lo, Bloch preconiza o método regressivo em “Projet d'un enseignement d'histoire comparée des sociétés européennes”, p. 450; “The Rise of Dependent Cultivation and Seigneurial Institutions”. In POSTAN, Michael M. (ed.) – *The Cambridge Economic History of Europe* [1941]. Cambridge: CUP, 1971, vol. I, p. 238.

pelos traços, às vezes inconscientes, que deixaram em nossos espíritos épocas extremamente recuadas. No homem atual [...] sobrevivem seus mais primitivos ancestrais.” Dois anos mais tarde, assegura sua intenção de lançar “uma luz muito viva sobre coisas profundas”, mesmo se aparentemente insignificantes. No projeto de um livro sobre a França começado em 1939, e portanto nunca realizado, volta a dizer que busca “as realidades profundas” do seu objeto. No seu último livro, declara que há “na natureza humana e nas sociedades humanas, um fundo permanente, sem o que os próprios nomes de homem e de sociedade nada iriam querer dizer”. E reitera – “o que há de mais profundo em história bem poderia ser também o que há de mais seguro”²⁸.

Esse *fonds permanent* é a dimensão psicológica da antropologia blochiana, que não deixa de sentir a dinâmica da história, “ciência da mudança”²⁹, mas que em razão justamente de sua permanência pode ser detectada no próprio presente do historiador. Ou melhor, no próprio historiador. É preciso considerar as emoções (como a guerra lhe deixara claro em relação ao medo), as crenças e os comportamentos enraizados. Daí alertar contra certa concepção de história que vê “a humanidade composta unicamente de vontades lógicas”. Embora toda sociedade seja o produto de interações de consciências individuais e a história tenha “como matéria precisamente consciências humanas”, não basta o conhecimento de seus fragmentos isolados, mesmo que isso fosse possível. E na realidade não é, porque nenhum homem “jamais se esconde melhor do que sob seu próprio personagem”³⁰. Em razão disso, é preciso tentar recompor o todo.

Nessa busca da compreensão total da história, Marc Bloch denuncia o gosto pelo infinitamente pequeno, observando que um acúmulo de cortes microscópicos não redundam em obra científica³¹. Logo, a história total é exequível menos pela acumulação de dados do que pelo uso de conceitos, óculos que permitem ver coisas que estão à frente do historiador e podem passar despercebidas ou serem

²⁸ Pela ordem das citações, BLOCH, Marc – “Une nouvelle histoire universelle: H. G. Wells historien” [1922]. In *L’histoire, la guerre, la résistance*, p. 328; *Os Reis Taumaturgos*, p. 42; “Réflexions pour un lecteur curieux de méthode”, p. 508; *Apologia*, p. 65; “Réflexions d’un historien sur les fausses nouvelles de la guerre”, p. 297; *Apologia*, p. 105.

²⁹ BLOCH, Marc – *Les caractères originaux*, p. X; *L’étrange défaite*, p. 611.

³⁰ BLOCH, Marc – *Apologia*, pp. 157-158 e 132; *L’étrange défaite*, pp. 651 e 540.

³¹ BLOCH, Marc – “Régions naturelles et groupes sociaux”. *AHES* 4 (1932), p. 505.

minimizadas. Conceitos que são ferramentas, nunca um fim em si mesmo – “desconfiemos de chaves que supostamente abrem todas as portas”; todo conceito deve ser flexível quando “tenta exprimir, sem deformá-las, as coisas do homem”³².

Se das 702 páginas de *La société féodale* na edição de 1973, apenas 21 foram reservadas às “maneiras de sentir e de pensar”, a ideia está presente na própria estrutura do livro. Este não trata de pessoas, e sim de grupos sociais, cuja coesão foi possível por um conjunto de representações mentais. O que Bloch faz naquele capítulo é tentar identificar na história a hipótese de Blondel sobre a vida afetiva, aquilo que há “de mais necessariamente e mais inexoravelmente subjetivo em nós”, aquilo que diz respeito “na sua maior parte, à psicologia coletiva”. Mais do que isso, se Bloch valoriza a psicologia, é por ser sensível à proposta de Blondel de que a psicologia coletiva é uma “concepção da história”, é para esta uma das mais importantes condições de sua realização³³.

Embora Febvre tenha adjetivado o livro de Blondel de “notável”, de “obra-prima, um dos grandes livros do nosso tempo”³⁴, viu com restrições *A Sociedade Feudal*. Ele criticou nesse livro a ausência do homem singular, substituído por um abstrato e hipotético *homo feodalis*. Febvre reconhece que nesse “belo livro”, “a psicologia certamente não está ausente. Mas é sempre a psicologia coletiva que nos é oferecida.” Assim, para ele, o limite da obra está justamente no seu caráter demasiado “sociológico, que é uma forma sedutora do abstrato”. Ora, é preciso evitar o “*redoutable moulin de l’abstraction*”. A demonstração do amigo parece-lhe demasiado sociológica, dela o indivíduo está “quase inteiramente ausente”. Cinquenta anos depois, Peter Burke concordará ao qualificar *A Sociedade Feudal* como o livro mais durkheimiano de Bloch³⁵.

No entanto, o juízo de Febvre é exagerado. De um lado, porque Bloch não deixa de valorizar a relação entre indivíduo e sociedade. Em carta a Lucien Febvre, disse mesmo que cada sujeito é “moralmente e intelectualmente tão diferente dos outros,

³² BLOCH, Marc – “Un essai de psychologie collective”. *AHES* 10 (1938), p. 176; *Apologia*, p. 152.

³³ BLONDEL, Charles – *Introduction à la psychologie collective*, pp. 92, 187 e 204.

³⁴ FEBVRE, Lucien – “La psychologie appliquée : problèmes de méthode et solutions pratiques”. *AHES* 3 (1931), p. 261.

³⁵ FEBVRE, Lucien – “La société féodale: une synthèse critique”. *Annales d’histoire sociale* 3 (1941), p. 128; BURKE, Peter – *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia* [1990]. Trad. Nilo Odália. São Paulo: UNESP, 1997, p. 36.

que parece um desmentido perpétuo do durkheimismo”³⁶. Se para o sociólogo “os factos consistem em formas de atuação, de pensamento e de expressões de sentimentos exteriores ao indivíduo, e que têm poder coercivo através do qual elas se impõem ao indivíduo”, o historiador critica quem deixa de lado “uma boa parte da vida mais intimamente individual”, e lembra que “os indivíduos não reagem sempre similarmente às mesmas influências”³⁷.

De outro lado, em *A Sociedade Feudal* ele insiste na importância dos “laços de homem a homem”, e na *Apologia* sublinhará a importância de estudar “os homens” (portanto na sua diversidade e individualidade) e não “o homem” (como gênero, pois o singular é “favorável à abstração”)³⁸. Aliás, como indaga em uma de suas frequentes interrogativas retóricas, “na natureza, o homem não será, por excelência, a grande variável?” Se ele identifica na época feudal uma sociedade universalista fundada sobre o espiritual, mostra como nas formas de sentir e pensar havia às vezes fortes variações entre as classes sociais e mesmo entre os indivíduos. Não há um coletivo único, homogêneo – “uma sociedade raramente é una” – passível de abstração, e sim um coletivo no qual se deve identificar “mais de uma nuance entre as psicologias de grupos”³⁹.

É significativo que, apesar de defender “a aliança das disciplinas”⁴⁰, Bloch não tenha sido sensível à abordagem psicológica proposta por um contemporâneo, como ele germanófono, judeu não-praticante e perseguido pelo nazismo – Sigmund Freud (1856-1939). E no entanto havia convergências na prática de ambos. Quando o historiador observa que muitos documentos falam à revelia de coisas sobre as quais preferiam calar, ou quando se depara com espantosas trocas de palavras por parte do cronista ou do escriba, ele se aproxima daquilo que a psicanálise freudiana chama de “ato falho”, um deslizamento inconsciente da língua, estudado sobretudo em *Psicopatologia da Vida Quotidiana*, de 1901. Aliás, sem referência à filiação do

³⁶ BLOCH, Marc; FEBVRE, Lucien – *Correspondance*, vol. 2, p. 287.

³⁷ DURKHEIM, Émile – *As Regras do Método Sociológico*. Trad. Duarte da Costa Cabral. Lisboa: Publicações Europa-América, 2011, p. 33; BLOCH, Marc – *Apologia*, pp. 48 e 152.

³⁸ BLOCH, Marc – *Apologia*, p. 54.

³⁹ BLOCH, Marc – *Apologia*, pp. 159, 151 e 42.

⁴⁰ BLOCH, Marc (assinado como Marc Fougères) – “Points de vue sur le Limousin”. *Annales d'histoire sociale* 2 (1942), p. 80.

conceito, Bloch considera o ato falho “um dos elementos essenciais da evolução humana. Assim como de toda psicologia.”⁴¹

Quando constata que o historiador entra em contato com o passado de maneira indireta, só podendo trabalhar com vestígios⁴², ele faz o mesmo que o psicanalista. Quando afirma que “a ignorância do passado não se limita a prejudicar a compreensão do presente; compromete, no presente, a própria ação”⁴³, ele encontra outro terreno comum com a psicanálise, domínio do saber sobre o homem e prática visando transformá-lo. Quando Marc Bloch não explora os relatos oníricos presentes na literatura e na crônica medievais, por exemplo na autobiografia de Guiberto de Nogent, citada três vezes em *A Sociedade Feudal*, mas não do ponto de vista dos sentimentos e dos sonhos⁴⁴, pode-se supor que foi por recusa à psicanálise freudiana, aquela que na época mais se envolveu com o assunto. *Die Traumdeutung* (1900) e sua tradução francesa (1926, realizada por Ignace Meyerson, que anos depois louvaria “a abnegação e coragem” de Marc Bloch⁴⁵) estiveram ao alcance do historiador sem terem sido aproveitadas por ele.

Quando Bloch propõe o método regressivo, sua posição coincide com a da análise freudiana, que parte do presente do analisado para ir caminhando em direção às suas expressões psíquicas mais antigas, processo que não se dá apenas num sentido, e sim por recorrentes vaivéns temporais, como preconizavam os *Annales*. Conquanto às vezes se atribua a Bloch o método regressivo, a ideia estava no ar do tempo. Em 1893, Italo Svevo publicara *Una vita*, em 1898 *Senilità* (traduzido para o francês em 1930), em 1923 *La coscienza di Zeno* (tradução francesa em 1927), romances centrados, em maior ou menor medida, conforme os casos, numa regressão atormentada ao primeiro objeto de amor. Proust fez algo similar em *À la recherche du temps perdu* (1914-1927). A célebre passagem do cheiro da madalena que reenvia o narrador a lembranças do seu passado, era outro modelo literário que

⁴¹ BLOCH, Marc – “Une introduction à la recherche historique”. *AHES* 8 (1936), pp. 51-52; “Réflexions pour un lecteur curieux de méthode”, p. 510; “Comment et pourquoi travaille un historien”. In *L'histoire, la guerre, la résistance*, pp. 828-829; *Apologia*, pp. 78 e 127.

⁴² BLOCH, Marc – *Apologia*, p. 73.

⁴³ BLOCH, Marc – “Pour mieux comprendre l'Europe d'aujourd'hui”, p. 6; *Apologia*, p. 63.

⁴⁴ BLOCH, Marc – *La société féodale*, pp. 140, 158, 492. A riqueza dessa fonte seria demonstrada por SCHMITT, Jean-Claude – “Les rêves de Guibert de Nogent” [1983]. In *Le corps, les rites, les rêves, le temps: essais d'anthropologie médiévale*. Paris: Gallimard, 2001, pp. 263-294.

⁴⁵ MEYERSON, Ignace – “Avant-propos. Le travail: une conduite”. In GOUARNÉ, Isabelle (ed.) – *Les Sciences sociales face à Vichy. Le colloque “Travail et Techniques” de 1941*. Paris: Garnier, 2019, p. 100.

Bloch tinha à disposição. A historiografia não ficou isenta desse clima de fim de século, o paradigma estava presente num historiador inglês que Bloch admirava, Frederic Maitland, que em 1897 recomendou sua utilização⁴⁶.

Enfim, como uma historiadora da psicanálise notou, entre as concepções freudiana e blochiana da história havia analogias importantes, perceptíveis em *Os Reis Taumaturgos* (1924) e *O Mal-estar na Civilização* (1929)⁴⁷. Tendo trabalhado 17 anos na Universidade de Estrasburgo (1919-1936), cuja biblioteca foi até à guerra de 1914-1918 a maior do mundo, “instrumento de trabalho incomparável”, “pano de fundo” de tudo que seus professores produziram de melhor⁴⁸, Bloch poderia ter ali acesso a várias obras de Freud⁴⁹. A questão surge então com naturalidade: se o “diálogo com os psicólogos era uma das principais preocupações de Bloch”⁵⁰, por que razão a psicanálise foi ignorada?

Na França das últimas décadas do século XIX e primeiras do XX, as reflexões sobre psicologia foram obra sobretudo de filósofos, sociólogos, antropólogos, etnólogos e historiadores. Adotar explicações psicanalíticas não era opção no contexto francês da época, cujo cartesianismo considerava a obra de Freud irracional, cujo nacionalismo qualificava-a de obra alemã (estavam vivas as lembranças das guerras de 1870 e 1914-1918), cujo antisemitismo (alimentado pelo Caso Dreyfus de 1894-1906) taxava-a de obra judaica. Ademais, a visão coletivista da sociologia e da psicologia durkhemianas chocava-se com a visão predominantemente individualista de Freud, desconsiderando seus estudos de psicologia coletiva como *Totem e Tabu* (1912), *Psicologia de Massas e Análise do Eu* (1921) ou *O Mal-estar na Civilização* (1929).

⁴⁶ MAITLAND, Frederic – *Domesday Book and Beyond: Three Essays in the Early History of England*. Cambridge: CUP, 1897, pp. 356 (“the most efficient method is reading our history backwards”), 365 e 502.

⁴⁷ ROUDINESCO, Elizabeth – “Psicanálise e História”. In *Dicionário das Ciências Históricas*, p. 629.

⁴⁸ FINK, Carole – *Marc Bloch. Uma Vida na História* [1989]. Trad. Ana Barradas. Oeiras: Celta, 1995, p. 82; FEBVRE, Lucien – “Marc Bloch et Strasbourg”, p. 400.

⁴⁹ Para lembrar apenas as citadas mais acima, *Die Traumdeutung*, 1900, cota B.109.625; *Psychopathologie des Alltagslebens* [1901], 1917, cota B.111.707; *Totem und Tabu* [1912], 1920, cota D.207.137 (a biblioteca possuía ainda as edições de 1922, 1925 e 1934); *Massenpsychologie Ich-Analyse*, 1921, cota D17 Psychologie; *Das Unbehagen in der Kultur* [1930], 1931, cota B.139.647.

⁵⁰ LE GOFF, Jacques – “Resenha de Susan W. Friedman, *Marc Bloch, Sociology and Geography*”. *Medieval History Journal* 2 (1999), p. 411.

Em parte, a recusa ao freudismo deu-se de forma direta, por incompatibilidade epistemológica, devido ao caráter atemporal (*zeitlos*) que o psicanalista atribuía ao inconsciente, incoadunável com a definição blochiana da história como “ciência dos homens no tempo”. É verdade que poucos anos antes Bloch havia falado em “tendências semi-inconscientes das massas” e em informações que os textos fornecem “inconscientemente”⁵¹, porém ele (e Febvre) continuaram a pensar que a mentalidade é histórica, não escapa às mudanças sociais. Em parte, a rejeição foi indireta, vinha das reservas de Blondel a respeito da psicanálise. Em artigo de 1922, esse psicólogo, colega de Marc Bloch em Estrasburgo e em Paris, confessou que as teorias de Freud “me inspiram em geral muita desconfiança”; em livro de 1924, mais incisivo, chama a psicanálise de “*obscurité scientifique*” e sustenta que “*le paranoïaque ne soit, en somme, qu’un psychanalyste qui a mal tourné*”. Além disso, Marcel Mauss, talvez o mais fiel discípulo de Durkheim, admitia que factos da psicologia individual tratados estatisticamente são importantes para a sociologia, mas, ressaltava, desde que não se caia “nos excessos da psicanálise”⁵².

*

Para Marc Bloch, fazer a apologia da história era, de certa forma, fazer a apologia da verdade. No seu testamento psicossociológico que é *L'étrange défaite* (1940), reconhece que para ele “há sempre um certo embaraço a viver na mentira”, pois tem “horror a todos os gêneros de mentira”. No seu testamento espiritual (1941), proclama ser a mentira “a pior lepra da alma” e poucas linhas adiante reitera sua convicção no valor imutável da verdade ao revelar o desejo de ter como epitáfio *Dilexit veritatem*⁵³. No seu testamento intelectual que é *Apologie pour l'histoire* (1942), o campo conceitual de “verdade/mentira” aparece 52 vezes, sem contar o uso, significativo, da locução “na verdade” em 17 oportunidades e do advérbio “verdadeiramente” em 18.

Em *A Sociedade Feudal*, ao abordar o fenômeno institucional, social e cultural qualificado pelos medievalistas como falsificação de documentos, diagnostica

⁵¹ BLOCH, Marc – *Apologia*, p. 67; “Réflexions pour un lecteur curieux de méthode”, pp. 508 e 511.

⁵² BLONDEL, Charles – “La psychanalyse”. *Revue d'histoire et de philosophie religieuses* (1922), p. 120; *La Psychanalyse*. Paris: Félix Alcan, 1924, p. X e 246; MAUSS, Marcel – “Rapports réels et pratiques de la psychologie et de la sociologie”, p. 293.

⁵³ BLOCH, Marc – *L'étrange défaite*, pp. 540 e 605; “Testament spirituel de Marc Bloch”. *Annales d'histoire sociale* 8 (1945), p. 6

tratar-se de “sintoma psicológico” daquela sociedade⁵⁴. Segundo Bloch, o bispo Burchardo de Worms († 1025) ao compilar seu *Decretum* recheia-o de “atribuições enganadoras e de alterações quase cínicas”. No caso da historiografia feudal, os frequentes juízos de valor, convenções literárias e de pensamento desvelam a “cínica realidade dos motivos humanos”. O prazer que os homens da época “tinham de ouvir contar [...] e de narrar” histórias, transparece no caráter mais literário que objetivo das crônicas medievais⁵⁵. Todavia, contrargumenta Roger Dragonetti, o discurso histórico medieval, como aliás o dos antigos, não visava “expressar a verdade, mas construí-la retórica e simbolicamente tendo em vista a persuasão”. Para a época, “os procedimentos de falsificação manifestavam sintoma de um desejo de verdade”, estavam no campo da montagem textual e não na categoria moral da fraude⁵⁶.

Historiador já experiente quando escreve a *Apologia da História*, Bloch declara ali que “toda investigação histórica supõe, desde seus primeiros passos, que a busca tenha uma direção”. Não basta afirmar que “a história se faz com documentos”, como era então usual⁵⁷, a questão é a leitura crítica da documentação, é saber que orientação imprimir a essa leitura. Essa direção, acredita Bloch, é a fugidia verdade, daí ser preciso persegui-la pelo avesso, pela “busca da mentira e do erro” (como denomina toda uma seção do livro) não somente na documentação e interpretação do passado, como também na busca da verdade no/do seu presente.

Busca difícil tanto no plano intelectual como no existencial, desafio para o qual se impunha o estudo da psicologia coletiva. Sendo os factos históricos essencialmente psicológicos, a própria observação desses factos também o é. O espírito crítico individual não deixa de ser tributário de valores coletivos, conseqüentemente a constatação de que na Idade Média “as mais firmes inteligências não escapavam, não podiam escapar ao preconceito comum”⁵⁸, é válida também para o historiador. Nenhum homem deixa de ser de seu tempo, e Marc Bloch apesar de dotado de agudo

⁵⁴ BLOCH, Marc – *La société féodale*, p. 142.

⁵⁵ BLOCH, Marc – *La société féodale*, pp. 142, 126 e 149-150.

⁵⁶ DRAGONETTI, Roger – *Le mirage des sources. L'art du faux dans le roman médiéval*. Paris: Seuil, 1987, pp. 19-20.

⁵⁷ BLOCH, Marc – *Apologia*, p. 79; LANGLOIS, Charles; SEIGNOBOS, Charles – *Introduction aux études historiques*. Paris: Hachette, 1898, p. 1.

⁵⁸ BLOCH, Marc – *Apologia*, p. 123.

espírito crítico não conseguiu escapar – nenhum homem consegue – à psicologia coletiva de sua própria época.

Daí por que, como estamos sugerindo, a psicologia coletiva surge na sua obra mais como noção (conhecimento intuitivo e sintético) do que como conceito (representação mental abstrata). Foi de forma empírica, em função do diálogo constante entre a história do passado e a história do presente, que Marc Bloch desenvolveu sua ideia de psicologia coletiva. Ter intuído lidar com uma noção frágil não o desencorajou: “espero muito continuar um aprendiz até o fim da minha vida”. Dois anos depois, na última frase do seu livro tragicamente inacabado, ele reitera a necessidade do esforço permanente, já que “as causas, em história como em outros domínios, não são postuladas. São buscadas”⁵⁹.

Se seu esforço pessoal nem sempre obteve resultados a toda prova, é porque foi um pioneiro, e pioneiro é aquele que abre pistas, sem necessariamente poder percorrê-las até o final. O importante, como ele próprio diz, é ser um desbravador, um rompedor de limites (*briseur de clôtures*)⁶⁰. Marc Bloch bem poderia, então, ter adotado como divisa a confiança de Hermann Hesse usada como epígrafe deste artigo – “Não posso me considerar alguém que saiba. Eu era e ainda sou alguém que busca”⁶¹.

⁵⁹ BLOCH, Marc – “Comment et pourquoi travaille un historien”, p. 826; *Apologia*, p. 159.

⁶⁰ BLOCH, Marc (sob o pseudônimo de Marc Fougères) – “Resenha a André Garrigou-Lagrange, *Production agricole et économie rurale*”. *Mélanges d'histoire sociale* 3 (1943), p. 115.

⁶¹ Conforme acima, nota 1. Talvez Bloch tenha conhecido a obra desse importante escritor alemão seu contemporâneo, futuro Nobel de Literatura em 1946. Além da qualidade estética de sua escrita, pode ter interessado a Marc Bloch o amplo espaço que a Idade Média teve na sua obra, embora como romancista (CAMPOS, Pedro Moacyr – “A Idade Média na Obra de Hermann Hesse”. *Revista de História* 44 (1972), pp. 357-379). Mas Hesse também publicou uma monografia sobre São Francisco (1904) e uma recolha com excertos dos *Gesta Romanorum* e do *Dialogus Miraculorum* de Cesário de Heisterbach (1925). Também pode ter atraído a simpatia de Bloch o escritor alemão ter sido convicto anti-nazista. Seu humanismo transparece desde 1919, ao escrever no mesmo *Demian*, p. 8, que “poucos sabem hoje o que significa ser humano” (*wenige wissen heute, was der Mensch ist*).

Referências bibliográficas / Bibliographical references

BECKER, Annette; BLOCH, Étienne (eds.) – *L'histoire, la guerre, la résistance*. Paris: Gallimard, 2006.

BERR, Henri – *La synthèse en histoire. Essai critique et théorique*. Paris: Félix Alcan, 1911. Disponível em <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k24463b>.

BLOCH, Marc – “Saint Martin de Tours. À propos d'une polémique”. *Revue d'histoire et de littérature religieuses* 7 (1921), pp. 44-57. Disponível em <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k36456r/f48.item>.

BLOCH, Marc – *Os Reis Taumaturgos* [1924]. Trad. Júlia Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BLOCH, Marc – “La vie d'outre-tombe du roi Salomon”. *Revue belge de philologie et d'histoire* 4 (1925), pp. 349-377. Disponível em https://www.persee.fr/issue/rbph_0035-0818_1925_num_4_2.

BLOCH, Marc – “Resenha de Blondel, *Introduction à la psychologie collective*”. *Revue historique* 161 (1929), pp. 398-399. Disponível em <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k18257m/f402.image.r=Charles%20Blondel?rk=42918;4>.

BLOCH, Marc – *Les caractères originaux de l'histoire rurale française* [1931]. Paris: Armand Colin, 1976.

BLOCH, Marc – “Régions naturelles et groupes sociaux”. *Annales d'histoire économique et sociale* 4 (1932), pp. 489-510. Muitos dos artigos e resenhas deste autor estão disponíveis em <https://www.persee.fr/collection/ahess>.

BLOCH, Marc – “Avènement et conquêtes du moulin à l'eau”. *Annales d'histoire économique et sociale* 7 (1935), pp. 538-563.

BLOCH, Marc – “Les inventions médiévales”. *Annales d'histoire économique et sociale* 7 (1935), pp. 640-643.

BLOCH, Marc – “Une introduction à la recherche historique”. *Annales d'histoire économique et sociale* 8 (1936), pp. 51-52.

BLOCH, Marc – “Un essai de psychologie collective”. *Annales d'histoire économique et sociale* 10 (1938), pp. 176-178.

BLOCH, Marc – “Pour mieux comprendre l'Europe d'aujourd'hui”. *Annales d'histoire économique et sociale* 10 (1938), pp. 61-63.

BLOCH, Marc – *La société féodale* [1939-1940]. Paris: Albin Michel, 1973.

BLOCH, Marc – “The Rise of Dependent Cultivation and Seigneurial Institutions”. In POSTAN, Michael M. (ed.) – *The Cambridge Economic History of Europe* [1941]. Vol. 1. Cambridge: CUP, 1971, pp. 224-277.

BLOCH, Marc – “Testament spirituel de Marc Bloch” [1941]. *Annales d'histoire sociale* 18 (1945), pp. 6-9.

BLOCH, Marc – “As transformações técnicas como problema de psicologia coletiva” [1942, 1948]. Trad. Hilário Franco Júnior. *Signum* 1 (1999), pp. 169-183.

BLOCH, Marc – *Apologia da História ou o Ofício do Historiador* [1942, 1949, 1993]. Ed. Étienne Bloch, trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BLOCH, Marc (assinado como Marc Fougères) – “Points de vue sur le Limousin”. *Annales d'histoire sociale* 2 (1942), pp. 77-81.

BLOCH, Marc (sob o pseudónimo de Marc Fougères) – “Resenha de André Garrigou-Lagrange, *Production agricole et économie rurale*”. *Mélanges d'histoire sociale* 3 (1943), pp. 114-115.

BLOCH, Marc; FEBVRE, Lucien – *Correspondance*. Ed. Bertrand Müller. 3 vols. Paris: Fayard, 1994, vol. I (1928-1933); 2003, vol. II (1934-1937); 2003, vol. III (1938-1943).

BLONDEL, Charles – “La psychanalyse”. *Revue d'histoire et de philosophie religieuses* 8 (1922), pp. 118-140, 234-257 e 315-336. Disponível em https://www.persee.fr/issue/rhpr_0035-2403_1922_num_2_2.

BLONDEL, Charles – *La Psychanalyse*. Paris: Félix Alcan, 1924. Disponível em <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bd6t53589698>.

BLONDEL, Charles – *Introduction à la psychologie collective*. Paris: Armand Colin, 1928.

BURGUIÈRE, André (org.) – *Dicionário das Ciências Históricas* [1986]. Trad. Henrique de Araujo Mesquita. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

BURKE, Peter – *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia* [1990]. Trad. Nilo Odália. São Paulo: UNESP, 1997.

CAMPOS, Pedro Moacyr – “A Idade Média na obra de Hermann Hesse”. *Revista de História* 44 (1972), pp. 357-379. Disponível em https://revistas.usp.br/revhistoria/pt_BR/article/view/131774.

DRAGONETTI, Roger – *Le mirage des sources. L'art du faux dans le roman médiéval*. Paris: Seuil, 1987.

DURKHEIM, Émile – *As Regras do Método Sociológico* [1895]. Trad. Duarte da Costa Cabral. Lisboa: Publicações Europa-América, 2011.

FEBVRE, Lucien – “La psychologie appliquée : problèmes de méthode et solutions pratiques”. *Annales d'histoire économique et sociale* 3 (1931), pp. 261-265. Esta resenha e as 2 seguintes estão em <https://www.persee.fr/collection/ahess>.

FEBVRE, Lucien – “Resenha de *La société féodale*”. *Annales d'histoire sociale* 2 (1940), pp. 39-43.

FEBVRE, Lucien – “La société féodale: une synthèse critique”. *Annales d'histoire sociale* 3 (1941), pp. 125-130.

FEBVRE, Lucien – *Combats pour l'histoire*. Paris: Armand Colin, 1953.

FINK, Carole – *Marc Bloch. Uma Vida na História* [1989]. Trad. Ana Barradas. Oeiras: Celta, 1995.

FREUD, Sigmund – *Die Traumdeutung*. Leipzig; Viena: Franz Deuticke, 1900.

FREUD, Sigmund – *Psychopathologie des Alltagslebens: über Vergessen, Versprechen, Vergreifen, Aberglaube und Irrtun*. Berlin: S. Karger, 1917.

FREUD, Sigmund – *Totem und tabu: einige übereinstimmungen im seelenleben der wilden und der neurotiker*. Leipzig; Viena; Zurique: Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1920.

FREUD, Sigmund – *Massenpsychologie und Ich-Analyse*. Leipzig; Viena; Zurique: Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1921.

FREUD, Sigmund – *Das Unbehagen in der Kultur*. Viena: Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1931.

GOUARNÉ, Isabelle (ed.) – *Les Sciences sociales face à Vichy. Le colloque “Travail et Techniques” de 1941* [1948]. Paris: Garnier, 2019.

HALBWACHS, Maurice – “La psychologie collective du raisonnement”. *Zeitschrift für Sozialforschung* 7 (1938), pp. 357-374. Disponível em <<https://archive.org/details/ZeitschriftFrSozialforschung7.Jg/page/n387/mode/2up>>.

HESSE, Hermann – *Demian. Die Geschichte von Emil Sinclairs Jugend* [1919]. Berlin: Suhrkamp, 2012.

HULAK, Florence – *Sociétés et mentalités. La science historique de Marc Bloch*. Paris: Hermann, 2012.

LANGLOIS, Charles; SEIGNOBOS, Charles – *Introduction aux études historiques*. Paris: Hachette, 1898. Disponível em <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k904043f.texteImage>>.

LE GOFF, Jacques – “Resenha de Susan W. Friedman, *Marc Bloch, Sociology and Geography*”. *Medieval History Journal* 2 (1999), pp. 405-411.

MAITLAND, Frederic – *Domesday Book and Beyond: Three Essays in the Early History of England*. Cambridge: CUP, 1897. Disponível em <<https://archive.org/details/cu31924081261343/page/424/mode/2up>>.

MAUSS, Marcel – “Rapports réels et pratiques de la psychologie et de la sociologie” [1924]. In MAUSS, Marcel – *Sociologie et anthropologie*. Paris: PUF, 1999, pp. 281-310.

MAZEL, Florian; POTIN, Yann (dir.) – *Marc Bloch. L’histoire en résistance*. Paris: Seuil, 2026.

SCHMITT, Jean-Claude – “Les rêves de Guibert de Nogent” [1983]. In SCHMITT, Jean-Claude – *Le corps, les rites, les rêves, le temps: essais d’anthropologie médiévale*. Paris: Gallimard, 2001, pp. 263-294.

SVEVO, Italo – *Una vita*. Trieste: Vram, 1893.

SVEVO, Italo – *Senilità*. Trieste: Vram, 1898.

SVEVO, Italo – *La coscienza di Zeno*. Bolonha: Cappelli, 1923.

COMO CITAR ESTE ARTIGO | HOW TO QUOTE THIS ARTICLE

JÚNIOR, Hilário Franco – “O ogro que tinha o espírito humano como presa: Marc Bloch e a psicologia coletiva”. *Medievalista* 40 (Julho – Dezembro 2026), pp. 47-67. Disponível em <https://medievalista.iem.fcsh.unl.pt>.



Esta revista tem uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)